

EDUCAÇÃO, TRABALHO E EMANCIPAÇÃO HUMANA EM GYÖRGY LUKÁCS

Geraldo Augusto PINTO¹

Gleicy SGARGETTA²

Propõe-se apresentar um projeto de pesquisa cujo objetivo é compreender as categorias trabalho e educação na obra “Por uma ontologia do ser social”, de György Lukács (1885-1971). Neste sentido, uma investigação preliminar em publicações de pesquisadores brasileiros sobre este tema, mostrou serem o trabalho e a educação, para Lukács, mediações fundamentais no processo de desenvolvimento do gênero humano. Assim, através do trabalho, a relação homem-natureza constitui uma dinâmica prática entre o sujeito e a realidade objetiva, ao passo que, através da educação, esta relação homem-natureza é mediatizada por interações subjetivas, visando a apropriação, pelos sujeitos, das diversas objetivações humanas. Considerando que ambas estas frentes de relações modificam não apenas a própria natureza, como projetam novas formas de sociabilidade (configurando historicamente determinados modos de produção e estruturas político-sociais), nosso projeto de pesquisa propõe, entre seus objetivos específicos, discutir como a educação constitui uma atividade que, por um lado, pode contribuir à perpetuação de uma determinada forma de sociabilidade, e, por outro, se coloca como um meio de superação desta, como um complexo social que assume o papel de atividade emancipatória.

Palavras-chave: Educação. Emancipação. Ontologia. Trabalho.

A educação, compreendida no plano da ontologia do ser social de Lukács, é a mediação entre o indivíduo e a sociedade, assim como o trabalho é a mediação entre o ser humano e a natureza. Compreender a relação entre essas duas categorias e o seu papel na superação das formas de sociabilidade no mundo atual, tem suscitado debates e estudos entre pesquisadores, militantes e todos os que se comprometem com o projeto de construção de uma sociabilidade justa, igualitária e emancipatória.

Tais objetivos requerem uma compreensão dos elementos universais imanentes à evolução do ser social na história, sobretudo, considerados tais elementos no período do surgimento do capitalismo e da moderna sociedade de classes até os dias atuais. Em outros termos, pensar a sociabilidade no mundo atual exige investigar-se as formas sociais de produção da vida material (como a divisão do trabalho e o desenvolvimento das forças produtivas) e, junto ao evolver destas, as formas de produção – ou reprodução – da própria

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). CEP: 85851-040. Foz do Iguaçu, PR. Brasil. Endereço eletrônico: <geraldoaugusto@hotmail.com>

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). CEP: 85862-438. Foz do Iguaçu, PR. Brasil. Endereço eletrônico: <gleicy.sgargetta@hotmail.com>

vida social (como a linguagem, a construção dos saberes e sua transmissão – a educação, a filosofia, a ciência, a ética, a moral, o direito, as artes etc.).

Estes foram os traçados metodológicos legados por Karl Marx e estudiosos de seu pensamento, como Antonio Gramsci e György Lukács, os quais, em extensas e profundas obras, demonstraram as contradições históricas surgidas entre essas formas de sociabilidade no capitalismo e os limites que vêm impondo à formação do gênero humano em sua totalidade. Entre as principais destas contradições, ressalte-se a combinação entre o alto desenvolvimento das forças produtivas e a divisão social do trabalho em grupos de atividades manuais e intelectuais, ou, subsequentemente, a divisão do trabalho social como um todo entre as cidades e o campo, fenômenos em cuja base está a propriedade privada do próprio trabalho e dos meios de produção.

Provavelmente Gramsci foi o que mais explicitamente desenvolveu teoricamente em suas obras as intrincadas relações entre a “educação” e o “trabalho”, bem como o papel da educação enquanto um instrumento imprescindível na superação das formas de dominação inerentes às sociedades de classe, sendo também o pensador mais estudado sobre essa temática por pesquisadores contemporâneos. Mas Lukács, por sua vez, também desenvolveu elaborações acerca do que ele considera ser os “complexos sociais” mediadores das relações entre os seres humanos, consigo mesmos, e com a natureza – entre tais complexos, a própria educação. Tais elaborações encontram-se dispersas ao longo de suas obras, sobretudo, nas de maturidade como “Estética” (publicada em 1963) e “Por uma ontologia do ser social” (publicada em capítulos, a partir de 1972).

A partir do maior contato com a obra de Marx, na leitura aprofundada dos “Manuscritos econômico-filosóficos de 1844”, publicados em Moscou pela primeira vez em 1930, Lukács compreende a constituição da história humana como um processo cujo fundamento são as ações dos seres humanos entre si e com a natureza. Nas palavras de Lessa (2007, p. 198), a leitura de Lukács permite compreender na obra de Marx a seguinte postulação:

A essência humana é construída da história dos homens e que, no interior desta se distingue, enquanto categoria, por concentrar os elementos de continuidade do desenvolvimento humano-genérico e, jamais, por se constituir no limite intransponível da história humana.

Ou seja, Lukács buscou em Marx os elementos filosóficos que permitissem compreender a essência do ser humano como sendo, fundamentalmente, o fato deste ser o

“sujeito da sua própria história”, o protagonista do seu destino. Para Lessa (id., p. 187), Lukács avançou especialmente nessa problemática e sua obra de maturidade permite:

[...] Explicitar as mediações sociais que fazem do homem o único demiurgo do seu próprio destino, de tal modo a demonstrar a possibilidade ontológica (que não significa a viabilidade prática e imediata, nem implica um programa) da revolução comunista (na acepção marxiana do termo).

A última obra de Lukács é “Por uma ontologia do ser social”. Trata-se de uma obra inacabada, cujos escritos foram publicados como livro pela primeira vez em alemão no ano de 1972. Neles, o autor compreende o trabalho como a gênese do ser social e, portanto, do próprio gênero humano e da história humana como um todo. Em sua análise, mostra como, por meio do trabalho no sentido concreto-sensório (material), surgem outros elementos constituintes da sociabilidade humana no sentido abstrato-conceitual (ideológico), como a linguagem, o direito, a filosofia, a ciência e a própria educação. Tais elementos configuram, no decorrer da história, “mediações” nas relações que os seres humanos estabelecem entre si e com a natureza, exercendo um importante papel na reprodução da vida social e, portanto, na conservação ou superação dos pilares sociais, econômicos, políticos e culturais de uma dada sociedade.

Nas palavras de Tonet (2005, p. 218), em sua análise da obra de Lukács:

[...] O trabalho é uma mediação entre o homem e a natureza, ao passo que a educação é uma mediação entre o indivíduo e a sociedade. Não é preciso dizer que, indiretamente, também o trabalho medeia a relação entre indivíduo e a sociedade, assim como a educação medeia a relação entre o homem e a natureza. A educação, contudo, não é a única atividade a mediar aquela relação. Outras também, como a Linguagem, a Arte, a política, o Direito, etc., cumprem essa função. Em nosso entendimento, porém, o que distingue a educação de todas as outras atividades é o fato de que ela se caracteriza não pela produção de objetivações – o que não quer dizer que também não as produza –, mas pela apropriação daquilo que é realizado por outras atividades.

O trabalho e a educação são tomados, neste sentido, a nosso ver, como sendo, respectivamente, o fundamento material e a base ideológica através dos quais, por meio de uma relação dialética, se promovem rupturas e continuidades nas formas de sociabilidade humana. Segundo Tonet (id., p. 220):

A crescente complexificação do ser social e a divisão da sociedade em classes deram origem à necessidade de um setor separado do conjunto da sociedade. Este se ocuparia da organização e da direção desse processo de apropriação do patrimônio comum por parte dos indivíduos de modo a não permitir que o controle

escapasse das mãos das classes dominantes. Isso implica na realização de uma triagem, que já tem suas bases na organização da produção. É esta organização da produção – de formas diferentes em modos de produção diferentes – que determina quem tem acesso à educação, em que condições (materiais e espirituais), quais os conteúdos, métodos, etc. Assim se foi constituindo o campo particular da educação.

Na sociabilidade capitalista contemporânea, cujo fundamento é a propriedade privada dos meios de produção e a exploração do trabalho humano, o agente regulamentador dos processos educacionais, e, portanto, da transmissão e apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados, tem sido o aparelho estatal. Os intelectuais orgânicos do capital introduzem nas políticas públicas educacionais regulamentações e diretrizes para que as instituições de ensino atendam as demandas do mercado e para que perpetuem a hegemonia do capital. Utilizando assim, a educação como um aparelho ideológico de perpetuação das ideologias dominantes da sociedade de classes.

A educação torna-se, assim, dualista: uma educação fragmentada e controlada para as massas da população, com vistas a formar um exército de reserva de trabalhadores (homens que “executam”); e uma outra educação, para as elites, com vistas a formar homens esclarecidos que vão pensar e gerir as políticas públicas e as grandes empresas transnacionais em benefício do capital (homens que “pensam”). Nas palavras de Mészáros (2005, p. 35):

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente imposta.

A educação neste sentido torna-se um campo de luta para aqueles que, envolvidos diretamente com a prática educativa, a compreendem como um instrumento de superação da sociedade de classe e de todos os seus malefícios. István Mészáros, discípulo direto de György Lukács, na conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação realizado no ano de 2004, em Porto Alegre, Brasil, chama a atenção para o fato de que a educação é “a vida” e que não deve ser tratada como mercadoria. A educação deve ser pensada como um instrumento de formação de sujeitos livres, críticos e conscientes de seu papel na construção da história humana. Para tanto, a educação deve romper com a lógica do capital.

Nas palavras de Jinkings (2005, p. 9):

[...] Mészáros ensina que pensar a sociedade tendo como parâmetro o ser humano exige a superação da lógica desumanizadora do capital, que tem no individualismo,

no lucro e na competição seus fundamentos. Que educar é – citando Gramsci – colocar fim à separação entre Homo faber e Homo Sapiens; é resgatar o sentido estruturante da educação e da sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias. E recorda que transformar essas idéias e princípios em práticas concretas é uma tarefa a exigir ações que vão muito além dos espaços das salas de aula, dos gabinetes e dos fóruns acadêmicos. Que a educação não pode ser encerrada no terreno estrito da pedagogia, mas tem que sair às ruas, para os espaços públicos e se abrir para o mundo.

Neste sentido, é necessário pensar educação e trabalho como categorias indissociáveis e suas relações como possibilidades emancipatórias do ser humano, na medida em que permitem a formação de uma consciência crítica, cuja tarefa fundamental seja levar os seres humanos a compreender a realidade social de exploração do trabalho no sistema capitalista e a necessidade de superação da divisão social do trabalho desumanizadora imposta por esse sistema. O trabalho, assim, pode e deve ser pensado e organizado como uma atividade “livre”, isto é, partindo de uma livre associação entre os membros de toda a sociedade, ao colocarem suas forças em comum para a produção, distribuição e consumo necessários à satisfação das necessidades humanas.

Esta configuração do trabalho, que tem como objetivo histórico o desenvolvimento das forças produtivas em prol da emancipação humana frente às limitações impostas pelas condições naturais – e não em prol da sujeição à dominação do homem pelo homem, ppor meio da propriedade privada e sua potencialização extrema na produção de mais-valia na acumulação capitalista –, permitirá aos homens maior tempo livre para desenvolverem outras atividades, sejam elas físicas, intelectuais ou de fruição.

A educação tem, neste processo, o papel de contribuir para a construção dessa consciência crítica na classe trabalhadora. Neste sentido, diz Marx (1978, p. 227, apud TONET, id., p. 164):

Logo que o trabalho, em sua forma imediata, deixou de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa e tem que deixar de ser sua medida e, portanto o valor de troca (deixa de ser medida) do valor de uso. O trabalho excedente de massa deixou de ser condição para o desenvolvimento da riqueza social, assim como o não-trabalho de uns poucos deixou de sê-lo para o desenvolvimento dos poderes gerais do intelecto humano. Com isso desaba a produção fundada no valor de troca e se tira do processo de produção material imediata a forma da necessidade premente e o antagonismo. Desenvolvimento livre das individualidades e por fim não redução do tempo de trabalho necessário com vistas a realizar trabalho excedente, mas em geral redução do trabalho necessário da sociedade a um mínimo, ao qual corresponde a formação artística, científica, etc. dos indivíduos graças ao tempo que se tornou livre e aos meios criados para todos.

Com esse salto ontológico na divisão social do trabalho, na ruptura com a propriedade privada dos meios de produção, o ser humano passará, nas palavras de Engels, “do reino da

necessidade para o reino da liberdade”, iniciando-se um novo período de autoconstrução humana, de liberdade e emancipação, com a total extinção das classes sociais. As seguintes palavras ilustram esse processo de transformação:

Ao apoderar-se socialmente dos meios de produção, cessa a produção de mercadorias, e com ela, o domínio do produto sobre o produtor. A anarquia no seio da produção social é substituída por uma organização consciente e sistemática. A luta individual pela existência termina. Só então o homem sai, em certo sentido, definitivamente, do reino animal e abandona as condições animais de vida, por condições verdadeiramente humanas. O conjunto de condições de vida que rodeiam o homem, e até agora o dominavam, passam, por fim, a estar sob o domínio e orientação dos homens, que pela primeira vez chegam a ser os donos verdadeiros da natureza, em virtude de serem os amos de sua própria organização social. As leis de sua própria ação social que, até aqui, lhes eram exteriores, estranhas e o dominavam como leis naturais, são desde então aplicadas e dominadas pelo homem com plena competência. A própria associação dos homens, que até agora lhes era estranha, concedida pela natureza e pela história, converte-se em ato livre e próprio. As forças objetivas e estranhas, que até então dominavam a história, passam ao domínio dos homens. A partir desse momento os homens farão a sua história plenamente conscientes; a partir deste momento as causas sociais postas por eles em ação produzirão, sobretudo e em medida cada vez maior, os efeitos desejados. A humanidade saltará do reino da necessidade para o reino da liberdade de (ENGELS, 1971, p. 347, apud TONET, id., p.169).

Refletindo sobre as colocações de Mészáros acerca do papel educacional no processo de superação da sociedade de classes, Jinkings afirma (2005, p.12):

Mészáros sustenta que a educação deve ser sempre continuada, permanente ou não é educação. Defende a existência de práticas educacionais que permitam aos educadores e alunos trabalharem as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade na qual o capital não explore mais o tempo de lazer, pois as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado. Já a educação libertadora teria como função transformar o trabalhador em um agente político, que pensa, que age, e que usa a palavra como arma para transformar o mundo. Para ele, uma educação para além do capital deve, portanto, andar de mãos dadas com a luta por uma transformação radical do atual modelo econômico e político hegemônico.

Prossegue a autora:

[...] Educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades. Esse é o sentido de se falar de uma educação para além do capital: educar para além do capital implica pensar uma sociedade para além do capital (Ibid., p. 13).

Ou seja, uma sociedade verdadeiramente emancipada e livre, só é possível se for libertada das amarras do sistema metabólico capitalista vigente. E, para conquistar tal

liberdade, é fundamental que a classe trabalhadora receba uma educação que supere a alienação do estado real em que se encontra a sociedade.

Construir uma educação libertadora é dar bases para a classe trabalhadora romper com a alienação e exploração do capitalismo e da sociedade de classes. É construir indivíduos conscientes, livres e prontos para reagir e lutar por uma sociedade de todos e para todos sem opressor e oprimido que seja emancipada e democrática.

Esse é o grande desafio e anseio dos educadores comprometidos com a classe trabalhadora e com a construção de uma sociedade melhor.

Education, work and human emancipation in György Lukács

It presents a research project whose objective is to understand the work and education categories in the work “In the ontology of social being”, of György Lukács (1885-1971). Accordingly a preliminary investigation in publications of Brazilians researchers about this topic, be shown that the work and education, for Lukács, fundamentals mediations in development process of human category. Thus, through this work, the relationship man-nature is a practical dynamic between the subject and the objective reality, while, through of education, this relationship man-nature is mediated by subjective interactions, aiming to appropriate, by the subjects, of different manners of humans objectifications. Whereas both of these fronts of relationships modifies not only the own nature, such as design new manners of sociability, our research project propose, among its specific objectives, discuss how the education constitutes a activity that, on the one hand, can help to perpetuate a particular form of sociability, and, on the other hand, it's a means to overcome it, as a complex social assuming the role of activity emancipator.

Keywords: Education. Emancipation. Ontology. Work.

Referências

- ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. Lisboa: Afrodite, 1971.
- JINKINGS, Ivana. Apresentação. In: MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LESSA, Sérgio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 3. ed. rev.ampl. Ijuí, SC: Ed. Unijuí, 2007. (Coleção Filosofia; 19).
- MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la critica de la economía política (Grundrisse)*. México: Siglo XXI, 1978. 3 v.
- MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- TONET, Ivo. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Ijuí, SC: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção Fronteiras da Educação).

Obras consultadas ou recomendadas

- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

- ANTUNES, Ricardo; RÊGO, Walquiria Domingues Leão (Orgs.). *Lukács: um Galileu no século XX*. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.
- ÁVILA, Astrid Baecker; ORTIGARA, Vidalcir. Educação, conhecimento e ontologia: uma vindicação a partir de Lukács. *GT 17: Filosofia da Educação*, 30ª. Reunião Anual da ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT17-3556--Res.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2009.
- BERTOLD, Edna. Contribuições de Lukács para os estudos sobre trabalho e educação. *Educação: revista de estudos da educação*, Maceió, v. 10, n. 18, p. 119-135, jun. 2003.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987. (Coleção Educação Contemporânea).
- DA COSTA, Gilmaísa Macedo. Lukács e a ideologia como categoria ontológica. *Urutáguá: revista acadêmica multidisciplinar*, Maringá, PR, n. 9, abr./jul. 2006.
- ENGELS, Friederich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 2000. v. 2.
- ENGUITA, Mariano Fernández. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREDERICO, Celso. *Lukács: um clássico do século XX*. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Logos).
- GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 1998.
- GONZALES, Jorge Luis Cammarano; SANDANO, Wilson. Notas para uma abordagem ontológica da educação. *Quaestio: revista de estudos de educação*, Sorocaba, SP, v. 4, n. 2, p. 33-40, nov. 2002.
- LANDINI, Sonia Regina. Educação em uma perspectiva ontológica. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, RS, v. 10, n. 2, p. 186-191, maio/ago. 2006.
- LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (Orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2005. (Coleção Educação Contemporânea).
- LÖWY, Michael. *A evolução política de Lukács: 1909-1929*. São Paulo: Cortez, 1998.
- LUKÁCS, Georg. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo de Georg Lukács – entrevista a Istvan Eorsi e Erzsebet Vezer*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Homonem, 1999.
- LUKÁCS, György. A alienação. In: _____. *Per l'ontologia dell'essere sociale*. Tradução italiana de Alberto Scarponi. Roma: Riuniti, 1981. (Tradução de Maria Norma Alcântara Brandão de Holanda, disponível em: <[http://www.esnips.com/doc/fbf78ad5-eb68-4696-a704-74f1021deab6/György-Lukács---Alienação-\(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social\)](http://www.esnips.com/doc/fbf78ad5-eb68-4696-a704-74f1021deab6/György-Lukács---Alienação-(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social))>. Acesso em: 21/04/2009).
- LUKÁCS, György. A reprodução. In: _____. *Per l'ontologia dell'essere sociale*. Tradução italiana de Alberto Scarponi. Roma: Riuniti, 1981. (Tradução das seções 1, 2 e 3, de Sérgio Lessa, disponível em: <http://sergiolessa.com/ontologia_all/novareproduc.pdf>. Acesso em: 21/04/2009).
- LUKÁCS, György. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: _____. *O jovem Marx e outros escritos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.
- LUKÁCS, György. Introdução. In: _____. *Zur ontologie des gesellschaftlichen seins*. Eileitung, Darmstadt, Luchterhand, 1984. (Tradução de Mário Duayer, disponível em:

- [http://www.esnips.com/doc/8114b1d9-dc16-4f24-baf0-e25eb2c756bc/György-Lukács---Introdução-\(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social\)](http://www.esnips.com/doc/8114b1d9-dc16-4f24-baf0-e25eb2c756bc/György-Lukács---Introdução-(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social))>. Acesso em: 21/04/2009).
- LUKÁCS, György. Neopositivismo e existencialismo. In: _____. *Zur ontologie des gesellschaftlichen seins*. Eileitung, Darmstadt, Luchterhand, 1984. (Tradução das seções 1 e 4 de Mário Duayer, disponível em: seção 1: <[http://www.esnips.com/doc/a22d43eabf13-477f-abe8-2a83f17faeb4/György-Lukács---Neopositivismo-\(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social\)](http://www.esnips.com/doc/a22d43eabf13-477f-abe8-2a83f17faeb4/György-Lukács---Neopositivismo-(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social))>; seção 4: <[http://www.esnips.com/doc/2705154f-47ec-4872-87c1-d238c18458e9/György-Lukács---A-Filosofia-Contemporanea-e-a-Necessidade-Religiosa-\(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social\)](http://www.esnips.com/doc/2705154f-47ec-4872-87c1-d238c18458e9/György-Lukács---A-Filosofia-Contemporanea-e-a-Necessidade-Religiosa-(Para-uma-Ontologia-do-Ser-social))>. Acesso em: 21/04/2009).
- LUKÁCS, György. O ideal e a ideologia. In: _____. *Per l'ontologia dell'essere sociale*. Tradução italiana de Alberto Scarponi. Roma: Riuniti, 1981. (Tradução das seções 1 e 2, de Maria Angélica Borges com a colaboração de Silvia Salvi, disponível em: <http://sergiolessa.com/Novaartigos_etallil.html>, no link “Tradução da Ontologia de Lukács”. Acesso em: 21/04/2009).
- LUKÁCS, György. O trabalho. In: _____. *Per l'ontologia dell'essere sociale*. Tradução italiana de Alberto Scarponi. Roma: Riuniti, 1981. (Tradução de Ivo Tonet, disponível em: <http://sergiolessa.com/Novaartigos_etallil.html>, no link “Tradução da Ontologia de Lukács”. Acesso em: 21/04/2009).
- LUKÁCS, György. *Ontologia del ser social: el trabajo – textos ineditos en castellano*. Buenos Aires: Ediciones Herramienta, 2004.
- LUKÁCS, György. *Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- LUKÁCS, György. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, Celso João et al. (Orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SILVA JÚNIOR, João dos Reis; GONZÁLEZ, Jorge Luis Cammarano. *Formação e trabalho: uma abordagem ontológica da sociabilidade*. São Paulo: Xamã, 2001.
- TASSIGNY, Mônica Mota. Diálogos com George Lukács: para uma ontologia da educação. *Revista de Humanidades*, Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 25-38, jan./ jun. 2006.
- TASSIGNY, Mônica Mota. Ética e ontologia em Lukács e o complexo social da educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 25, p. 82-93 jan./abr. 2004.
- TERTULIAN, Nicolas. *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.